

Arte e educação do projeto Caravana Buriti: criatividade e vivência artística

The Art Education of the Caravana Buriti Group: Creativity and experience

 Kathleen de Oliveira *
Lúcio França Teles **

Recebido em: 14 abril 2023
Aprovado em: 16 agosto 2024

Resumo: Este artigo apresenta um breve recorte histórico da atuação do Grupo Buriti, apresentando os primeiros movimentos de implementação do ensino das artes na educação escolar, refletindo sobre quais foram os principais desafios encontrados neste processo e as lutas enfrentadas pelos arte-educadores em busca da conscientização sobre a importância da arte para o desenvolvimento humano. Essa investigação teórica busca estabelecer conceitos essenciais para a compreensão desse campo de estudo, em interface com a pesquisa realizada sobre o projeto de arte educação denominado “Caravana Buriti – Arte Educação na Estrada”, fundado no ano de 2010, projeto de itinerância educacional idealizado pela “Cia OS Buriti”, grupo de arte-educadores que se propõe a desenvolver novas metodologias em arte educação. O projeto é direcionado a escolas públicas e oferece espetáculos e oficinas realizadas com crianças, professores e comunidade.

Palavras-chave: Arte Educação. Ensino e Aprendizagem.

Abstract: This article intends to carry out a historical analysis of art education in Brazil, presenting the first movements to implement the teaching of the Arts in school education, reflecting on what were the main challenges encountered in this process and the struggles faced by art educators in search of awareness about the importance of art for human development. This theoretical investigation seeks to establish essential concepts for understanding this field of study, and is an interface with the research carried out on the art education project called Caravana Buriti – Arte Educação na Estrada founded in 2010, an educational itinerancy project idealized by Cia. Os Buriti, a group of Art Educators that proposes to develop new methodologies in Art Education. The project is aimed at public schools and works directly through shows and workshops, with children, teachers and the community.

Keywords: Art Education. Teaching and Learning.

* Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Contato: kathleenoliveira210@gmail.com

** Doutorado em Informática na educação, Universidade de Toronto. Atualmente é professor associado a Faculdade de Educação (UnB). Contato: teleslucio@gmail.com

Introdução

Dividimos este artigo em dois momentos: no primeiro, intitulado *Breve estudo sobre a trajetória da Arte Educação no Brasil*, buscamos realizar uma contextualização histórica dos fatos mais recentes e que tiveram grande relevância no cenário da Arte Educação no Brasil, focando principalmente no contexto da educação escolar. Apresentamos os movimentos realizados pelos arte-educadores, as legislações e os conflitos que foram gerados por elas. No segundo momento, intitulado *Caravana Buriti: Arte Educação na Estrada*, apresentamos o trabalho realizado atualmente pelos arte-educadores do grupo, relatando o percurso histórico da Caravana, as ações realizadas, metodologias aplicadas, as motivações, o engajamento político e os desafios encontrados.

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa. Utilizamos fontes de investigação bibliográfica, através de livros, artigos e periódicos acadêmicos, bem como foi realizada uma entrevista semiestruturada com os fundadores do projeto *Caravana Buriti: Arte Educação na Estrada*. Ademais, para acrescentar na coleta de dados, utilizamos também vídeos, entrevistas realizadas pelo grupo, materiais do arquivo dos Buriti e informações compartilhadas no site.

1. Breve estudo sobre a trajetória da arte educação no Brasil

A trajetória da arte educação no Brasil é marcada pela resistência e engajamento político por parte dos arte-educadores, sempre em busca da consolidação de um espaço de reconhecimento do valor da arte na sociedade. Observamos que a atuação de pessoas conscientes e politicamente atuantes na propagação do ensino da arte no Brasil foi de fundamental importância para a estruturação do movimento.

Nesse contexto, abordaremos primeiramente um movimento de grande relevância na trajetória da arte educação do Brasil, que surgiu de forma independente, pautado nos ideais de uma educação libertadora, aberta ao diálogo e à criatividade. Em 8 de julho de 1948, foi criada a primeira Escolinha de Arte, fundada pelo artista Augusto Rodrigues ao lado da artista norte-americana Margaret Spencer e da professora Lúcia Alencastro Valentim (INEP, 1980). “A Escolinha de Arte era uma instituição de utilidade pública, de caráter filantrópico sem fins lucrativos” (Britto, 2008, p. 15).

Segundo o arte-educador Augusto Rodrigues, como não havia um local amplo para ser utilizado, as primeiras aulas ocorreram no corredor da Biblioteca Castro Alves, no centro do Rio de Janeiro, ali as crianças utilizavam o material disponível que era fornecido pelos próprios professores (INEP, 1980).

Nas palavras de Anísio Teixeira, podemos compreender a importância que as Escolinhas de Arte tiveram para a educação brasileira como uma grande inovação pedagógica e artística:

Na imensa aridez da paisagem das escolas nacionais, paisagem que lembra aspectos de nossos desertos, as “escolinhas de arte” são oásis de sombra e luz, em que as crianças se encontram consigo mesmas e com a alegria de viver, tão “deliberadamente” banida das “escolas” convencionais de “retalhos de informação”, secos e duros como a vegetação habitual das zonas áridas (Teixeira, 1970, p. 3).

Ao longo dos anos, esse movimento tornou-se referência em arte educação e realizou inúmeras ações de relevância histórica, social e cultural em benefício do ensino das artes no Brasil “oferecendo cursos de artes para crianças e adolescentes e cursos de arte-educação para professores e artistas” (Barbosa, 2019, p. 170). Outro acontecimento significativo ocorreu em 1965, na Universidade de Brasília, local onde ocorreu o primeiro encontro de arte educação em uma universidade brasileira, no antigo auditório do Instituto Central de Artes.

Com o auditório lotado, palestraram Augusto Rodrigues, Maria Helena Novais, Glênio Bianchetti, Ana Mae Barbosa (organizadora), entre outros. O Instituto Central de Artes funcionou somente até 1965, pois fechou suas portas em decorrência da ditadura militar de 1964 a 1985, voltando a se reorganizar novamente somente na década de 1980 com o nome de Instituto de Artes (Barbosa, 2019).

O ensino de artes passou a ser obrigatório no Brasil a partir da promulgação da Lei de nº 5692, denominada Lei Diretrizes e Bases de 1971, responsável pela criação da disciplina de Educação Artística, como determina o seu artigo 7º:

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-lei no 869, de 12 de setembro de 1969 (Brasil, 1971).

Conforme Barbosa (1989), essa conquista foi resultado de esforços de arte-educadores norte-americanos, que por meio de um acordo oficial reformulou a educação brasileira. Ainda segundo a autora, essa lei estava pautada no ensino tecnicista, onde a educação secundária era basicamente profissionalizante, entre 1964 e 1985, período em que o Brasil esteve sob o regime da ditadura militar e as companhias multinacionais adquiriram grande poder econômico. Dessa forma a educação estava direcionada a capacitar mão de obra barata para a manutenção deste sistema de produção.

Em seguida, no ano de 1973, devido à implementação da Lei de Diretrizes e Bases de 1971, foi criado pelo governo federal um curso universitário de polivalência

para a formação de professores para atuação na disciplina de Educação Artística. A formação era compreendida por um currículo básico que poderia ser aplicado em todo o país (Barbosa, 2022). Essa medida gerou muitos conflitos e debates sobre a perspectiva do Estado em relação ao ensino das artes e a função do educador.

O currículo de Licenciatura em Educação Artística na universidade pretendia preparar um professor de arte em apenas dois anos, para lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da 1ª à 8ª séries e, em alguns casos, até o 2º grau (Barbosa, 1989, p. 170).

Bacarin (2005) considera que essa formação de licenciatura polivalente em Educação Artística gerou uma diminuição qualitativa dos saberes e das especificidades de cada uma das linguagens da arte. “[...] desenvolveu-se a crença de que bastavam propostas de atividades expressivas espontâneas para que os alunos conhecessem música, artes plásticas, cênicas, dança, etc” (Bacarin, 2005, p. 150).

A partir da década de 1980, ocorreram mudanças significativas no cenário brasileiro, com o fim da ditadura militar e a retomada das eleições diretas. Em 1988, foi promulgada a Constituição, dessa forma passaram a ser considerados os direitos políticos da maior parte da população (Bacarin, 2005). Com a redemocratização do país e a promulgação da Constituição, ocorre um marco importante para a inserção da arte na educação escolar, através da atual LDB 9.364/1996, que revogou as disposições anteriores eliminando a disciplina de Educação Artística e estabelecendo o ensino de Arte como componente curricular obrigatório na educação básica. “Com a sua introdução no currículo escolar a Arte passou a vigorar como área do conhecimento com conteúdos específicos, abrangendo o trabalho educativo com as várias linguagens, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança.” (Bacarin, 2005, p. 152).

Araújo e Silva (2007) afirmam que a obrigatoriedade do ensino de Arte não é fruto do poder legislativo, com a implementação de leis e decretos, mas sim da luta política de arte-educadores brasileiros

Convictos da necessidade do ensino de arte no desenvolvimento intelectual das novas gerações, arte/educadores brasileiros se organizaram e lutaram politicamente para garantir a presença da arte no currículo escolar, a partir da ideia de que arte é um campo de conhecimento específico, com objetivos, conteúdos, métodos de ensino e processos de avaliação da aprendizagem próprios [...] (Araújo; Silva, 2007, p. 11).

Consequentemente, apesar da LDB de 1996 reconhecer a Arte como uma área específica do conhecimento, não houve uma mudança em relação a contratação de profissionais para atuarem nas escolas,

com formações específicas nas quatro linguagens artísticas, dessa forma o profissional continua sendo polivalente (Bacarin, 2005).

Atualmente, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no ano de 2018, a arte perdeu sua dimensão como área de conhecimento específico do currículo e passou a se subordinar à área de Linguagens. Conforme Peres (2017), o documento da BNCC está comprometido com a ideologia dos grupos dominantes, e significa um retrocesso nas conquistas que foram alcançadas. “Essa superação ideológica só é possível por meio de um trabalho artístico-pedagógico consistente, no qual o artista e/ou educador consiga enxergar as marcas da ideologia na sua poética e na sua prática educativa” (Peres, 2017, p. 31).

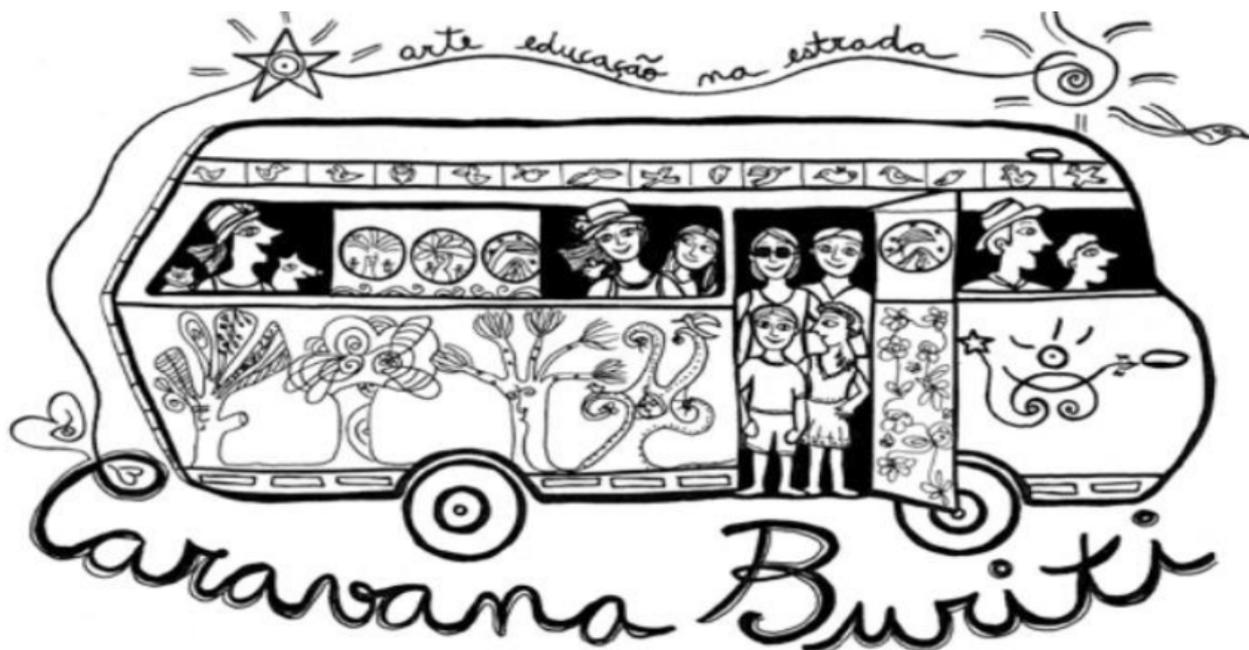
A restrição do espaço da arte no currículo da Educação Básica é extremamente alarmante, pois demonstra a intenção de impedir o potencial do trabalho artístico na escola, perdendo espaço para as outras áreas do conhecimento. Dessa forma a promoção de um ensino superficial de arte colabora para limitar a força da imaginação das crianças, jovens e adultos, comprometendo as compreensões críticas da arte e da sociedade (Peres, 2017).

A realidade hoje é perversa: não se dá, se tira. Tira-se o número de aulas para que ele possa desenvolver projetos artísticos que não sejam ações pontuais descontinuadas; tira-se o espaço físico adequado para que ele tenha lugar onde a Arte seja respeitada; tira-se as condições financeiras para que ele possa viver Arte no dia a dia, tanto em sua prática quanto em sua fruição e seu estudo. O que ocorre, então, é que os espaços da escola passam a ser não-lugares de Arte (Pimentel, 2018, p. 78).

Podemos analisar que a descontinuidade das políticas governamentais são questões extremamente complexas e interferem diretamente no lugar da arte na sociedade, portanto são muitos os desafios e obstáculos a serem enfrentados para que possamos verdadeiramente valorizar o ensino da arte. É necessário que medidas de maior profundidade sejam tomadas, e que ressignifiquem a importância da arte na educação escolar. Através dos estudos realizados, observamos que os arte-educadores estão lutando contra o movimento de opressão que, de forma implícita e explícita, tenta abafar as manifestações artísticas. Desse modo, são de grande relevância ações que estabeleçam a união entre artistas e educadores. “Professor/Artista não deve ser uma dualidade, mas sim a efetivação de um ser que, sendo docente, é artista porque vive Arte e, sendo artista, é docente porque ensina/aprende Arte” (Pimentel, 2018, p. 77).

Além disso outra questão considerável é a fundamental importância do conhecimento histórico, essencial para a formação da consciência política dos educadores. Tal conhecimento proporciona os pontos de referência indispensáveis para analisar o presente e projetar o futuro, gerando ações e debates contextualizados (Barbosa, 2019).

Figura 1 – Ilustração de Eliana Carneiro



Fonte: Arquivo "Os Buriti".

2. Caravana Buriti – arte educação na estrada

A Caravana Buriti é um projeto de arte educação fundado no ano de 2010 pelas professoras Eliana Carneiro, Naira Carneiro e Daniel Pitanga. Também participa da equipe do projeto o músico percussionista e professor Carlos Frazão, e em edições específicas conta com a participação de outros artistas educadores.

Eliana Carneiro é atriz, dançarina, diretora, ilustradora e fundadora da Companhia *Os Buriti*. Formada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB), foi professora do Departamento de Artes Cênicas da UnB, da Faculdade de Teatro Dulcina de Moraes e da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo – Portugal. Naira Carneiro é atriz, dançarina, musicista e produtora. Estudou violão, sanfona e canto na Escola de Música de Brasília. É graduada em Educação Artística – Artes Cênicas pela UnB. Atua desde os seis anos na *Cia Os Buriti* e trabalha com sua mãe Eliana Carneiro na concepção dos espetáculos da companhia. Daniel Pitanga é instrumentista, compositor, arranjador, produtor fonográfico e educador musical. Possui mestrado em música e licenciatura em Educação Artística com habilitação em música pela UnB, é formado no curso técnico de arranjo pela Escola de Música de Brasília. Foi professor do núcleo de violão popular da Escola de Música de Brasília, e atua como professor substituto do Departamento de Música da UnB.

A *Caravana Buriti* foi criada em um cenário no qual, anteriormente a ela, a *Cia Os Buriti* já existia há 15 anos, e antes da criação da *Cia Os Buriti*, mais de uma década de pesquisas e trabalhos solos de Eliana Carneiro. Dessa forma, o projeto se manifesta a partir da união de saberes

e de histórias de vida dedicadas ao ensino e a aprendizagem da arte, que, ao somarem seus conhecimentos, multiplicaram seus poderes de realização e ampliaram a capacidade de atuação do projeto com as múltiplas linguagens artísticas, levando variadas formas de expressão e de encantamento pelas artes.

Com a primeira pergunta da entrevista, buscamos compreender quais os fatores que motivaram a criação da *Caravana Buriti*. A professora Eliana Carneiro começou dizendo que desde a infância sempre teve uma conexão muito forte com a educação e com a arte, e que suas brincadeiras estavam envolvidas neste contexto. Quando criança foi matriculada por sua mãe em uma escola referência no ensino de Balé, onde também eram ofertadas aulas de dança, teatro e desenho. “*Nessa escola eu me apaixonei pela arte e tive minha primeira epifania fazendo um exercício de teatro*”. Eliana relatou que as experiências que teve durante a infância foram extremamente importantes dentro desse universo do seu descobrimento e da sua relação com a arte, gerando uma necessidade de trazer e de compartilhar esse espaço de criação. No ano de 1995, foi realizado o primeiro espetáculo da *Cia Os Buriti*, quando Naira Carneiro, aos 6 anos de idade, decidiu que queria entrar em cena. A partir desse momento, os espetáculos foram adaptados para integrar também a infância.

Eliana contou que, em 2008, ela e Naira foram convidadas para participarem de um projeto em Santa Catarina, um caminhão palco que transitava entre várias cidades levando espetáculos culturais. Nesse projeto, as escolas locais eram convidadas para integrarem o público. Através dessa vivência, elas concluíram como era interessante

trabalhar de forma itinerante, realizando apresentações para grupos distintos. Isso começou a gerar o interesse em realizar um projeto no qual pudessem viajar, mas ao mesmo tempo, estreitar e desenvolver de forma mais profunda os laços com educadores e crianças.

A professora Naira Carneiro complementou dizendo que suas motivações também estão relacionadas ao fato de ser uma grande defensora da educação pública e por sempre ter estudado em escolas públicas, reconhece a importância de que todos nós possamos nos dedicar em contribuir de alguma forma com a educação. Ela afirma que somente iremos conseguir transformar nossa sociedade quando realmente investirmos em educação pública de qualidade para todos.

O professor Daniel Pitanga afirmou que a música e a educação são extremamente importantes em sua história, e que quando começou a se dedicar ao estudo da música consequentemente sentiu a vontade de compartilhar esse conhecimento com as outras pessoas: *“Desde a minha adolescência quando comecei a tocar, eu já sabia que queria tanto ser músico como ser professor, então essas duas vontades, sempre existiram desde muito cedo”*. Daniel considera que a união da arte com a educação agrega uma potencialidade muito importante para o Brasil. Ele disse acreditar que a arte, organizada e sistematizada em um projeto com uma metodologia contextualizada, tem um potencial muito grande de transformar a realidade.

2.1 Propósitos

A *Caravana Buriti* possui uma proposta que busca estreitar as relações entre artistas e educadores. O grupo busca desenvolver novas metodologias em arte educação,

que possam inspirar educadores e despertar o interesse das crianças pelas artes. Possui como propósito levar a arte para as escolas públicas de cidades pequenas e periféricas, locais com pouco acesso a projetos artísticos, bem como propõe apresentações ofertadas para a comunidade, nas praças e centros comunitários das cidades.

O projeto tem como foco a criança, facilitando processos que desenvolvem a criatividade e o imaginário. Além disso, são proporcionadas oficinas específicas para trabalhar com os educadores da escola, para que possam se inspirar e seguir desenvolvendo suas próprias metodologias.

2.2 Do sonho à realidade

A primeira edição da *Caravana Buriti* aconteceu no ano de 2010, com a conquista de um prêmio ofertado pela Funarte (Fundação Nacional de Artes) ao melhor projeto de incentivo à cultura. A partir desse momento a *Caravana* saiu do mundo dos sonhos e foi direto para a estrada. Com o valor do prêmio, o grupo decidiu comprar um *motorhome* carinhosamente chamado de “*Carneirinho*”, responsável pelo transporte até as cidades. O veículo possui uma representação simbólica relacionada a trupe de artistas que chega levando seus encantos, espetáculos e oficinas, assim primeiramente ele é uma forma de brincadeira e de estímulo a esse imaginário coletivo, e também exerce a função de casa, camarim e em alguns casos se torna o cenário das apresentações.

Essa primeira edição teve a duração de três meses e ocorreu nos estados de Goiás e Mato Grosso Sul, em 10 municípios. As oficinas também foram oferecidas aos agentes de saúde locais, em uma parceria realizada com o Ministério da Saúde. Nessa edição foram visitadas

Figura 2 - Na imagem, da esquerda para a direita, os Arte-educadores Carlos Frazão, Eliana Carneiro, Naira Carneiro e Daniel Pitanga



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

24 escolas, ofertadas 150 oficinas e espetáculos, aproximadamente 5.600 pessoas beneficiadas e cerca de 3.500 quilômetros percorridos.

A segunda edição ocorreu no ano de 2012 e 2013 nas escolas públicas do Distrito Federal. O projeto foi patrocinado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC/DF), ocorreu em 12 cidades e 12 escolas, sendo realizados 288 espetáculos/oficinas, 6 espetáculos e 1 oficina para professores na Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação (EAPE) com duração de 8 horas, 9.000 crianças beneficiadas e cerca de 3.000 quilômetros percorridos.

A terceira edição da Caravana ocorreu em 2015, na Chapada dos Veadeiros, nas cidades de Cavalcante, Alto Paraíso, São Jorge e Teresina, patrocinada pelo Banco do Brasil. Contou com várias apresentações nas praças e espaços comunitários. Nessa edição, foi realizado um encontro em uma comunidade quilombola localizada em Cavalcante. Foram ofertados ao todo 66 espetáculos/oficinas, 6 espetáculos e 6 oficinas para professores.

A quarta edição da Caravana ocorreu no ano de 2019, nas cidades de Valparaíso (GO), Brazlândia (DF), Luziânia (GO) e Olhos D'água (GO). Essa edição foi patrocinada com recursos do FAC, em um projeto aprovado para a *Cia Os Buriti* e que contava com a realização da quarta edição da Caravana.

2.3 Metodologia da Caravana Buriti

A *Caravana Buriti* trabalha com três frentes de atuação: espetáculos/oficinas realizadas nas salas de aula com as crianças, espetáculos teatrais para a comunidade local em praças e espaços comunitários e oficinas formativas para os professores das escolas. Ao visitarem a escola, vivencia-se os espetáculos/oficinas em sala de aula, e no contraturno, são ofertadas oficinas de formação para os docentes. A metodologia utilizada pela *Caravana Buriti* foi criada com base nas experiências artísticas dos artistas/educadores, que possuem uma vida inteira dedicada ao estudo das Artes.

O "Varal de Histórias" é um espetáculo/oficina criado por Eliana e Naira Carneiro que começa com brincadeiras, dança e sapateado. Em seguida, inicia-se uma apresentação de contação de histórias, as arte-educadoras encenam dois contos, o "Cobra Norato" e "Ratinha Branca". A intenção do espetáculo é sensibilizar as crianças para as linguagens artísticas, já que muitas delas nunca tiveram a oportunidade de irem a um teatro ou cinema. Dessa forma, desperta-se o encantamento da criança pelo artista,

Figura 3 – Motorhome "Carneirinho"



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

e em seguida, é realizada uma imersão das crianças no processo criativo e colaborativo, em oficina artística para a turma. Após as brincadeiras e a contação de histórias, as crianças são convidadas a criarem em conjunto, a história do jacaré, que se depara com o problema da poluição do rio no local onde vivem, levando as crianças a pensarem sobre o lixo e a destruição da natureza.

São realizados brincadeiras e jogos que incentivam as crianças a cantar, dançar e contar histórias, sendo que elas participam ativamente de todo o processo de criação e após esses momentos, são realizados os desenhos que serão expostos em um varal e apreciados por todos da turma. O espetáculo/oficina trabalha as linguagens da dança, teatro, música e artes visuais, colaborando com os processos de desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Segundo Eliana Carneiro, as histórias míticas alimentam o imaginário e possuem o poder de nos conectar ao mundo das possíveis realidades. A Oficina do Varal de Histórias oferece momentos de afetividade entre as crianças e colaboradores para a ampliação da leitura de mundo. De acordo com Pimentel (2022), a integração da Arte na educação escolar é extremamente significativa:

Sendo a arte parte integrante da cultura, sua incorporação nas escolas é uma das estratégias mais poderosas para a construção de uma cidadania multicultural, já que facilita o conhecimento e o desfrute das expressões artísticas de diferentes culturas, o que submerge os alunos no reconhecimento e respeito à diversidade cultural e pessoal (Pimentel, 2022, p. 767).

A oficina musical é realizada por Daniel Pitanga e Carlos Frazão e começa com os músicos tocando instrumentos acústicos, instrumentos de percussão, violão e sanfona. Neste primeiro momento, os arte-educadores apenas tocam músicas instrumentais e caminham entre

Figura 4 - Oficina do Varal de Histórias



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

as crianças, que escutam de perto a sonoridade de cada instrumento. Ao longo da oficina, as crianças cantam, improvisam e tocam os instrumentos da sua própria maneira. As crianças vivenciam os vários elementos da música e também trabalham aspectos da corporeidade, em uma prática de sensibilização musical na qual elas experimentam as diferentes sonoridades e podem se expressar de forma espontânea.

A oficina musical está fundamentada em uma prática de compartilhamento e troca de experiências, contando com a participação ativa das crianças, em uma relação não-centralizada. De acordo com Pederiva:

Não se pode educar musicalmente somente na dimensão intelectual. Cada experiência vivida na cultura e suas produções musicais estão impregnadas de sentidos e de significados, que devem ser compartilhados de modos relacionais entre os participantes de cada processo educativo. Assim, aprender e desenvolver-se musicalmente compreende trocar experiências musicais de modo colaborativo (Pederiva, 2018, p. 5).

A Oficina de formação para professores ocorre no contraturno, e aborda os interesses prévios dos educadores. A professora Eliana Carneiro ressalta que uma questão que é muito abordada pelos docentes está relacionada ao silêncio das crianças durante os espetáculos/oficinas

Figura 6 – Naira Carneiro e Eliana Carneiro, com a professora da turma, durante a contação de histórias



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

Figura 5 - Momento de interação e afetividade entre as crianças, com as linguagens da música e da dança



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

e a forma como elas observam atentas cada movimento e se sentem confortáveis para poderem se expressar. As oficinas trabalham o corpo movimento, contação de histórias, e elementos da educação musical. São oferecidas atividades práticas, que trabalham diretamente com a linguagem do corpo.

Nas palavras de Eliana Carneiro, *“O arte-educador precisa ter a experiência artística para que ele possa ser tocado pela arte, a arte ela precisa ser vivida, ela precisa ser tocada e experimentada”*. A intenção das oficinas de formação é fazer com que os professores possam mergulhar em um contexto artístico, e experimentarem as várias possibilidades de expressão do corpo, e através dessas práticas poderem se ver como seres criativos, capazes de levar a criatividade para seus alunos. Segundo Eliana Carneiro, *“[...] se o educador entende que ele tem a capacidade criadora, ele pode estimular a criança a criar, se ele não se entende e não se vê como uma potência criadora, ele não pode estimular o outro a criar”*. Dessa forma, as oficinas de formação destinam-se a despertar o reconhecimento dos professores para a sua própria capacidade criativa, como representado na Figura 9.

Ao final da realização dos espetáculos/oficinas dentro das escolas, acontecem os espetáculos teatrais nas praças e espaços comunitários das cidades, conforme ilustrado na Figura 10.

Figura 7 – Na imagem as crianças e o educador musical Daniel Pitanga



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

Figura 8 – Os educadores musicais Carlos Frazão e Daniel Pitanga, em um momento de compartilhamento de experiências musicais de forma colaborativa com as crianças



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

Figura 10 – Apresentação teatral ofertada para a comunidade da Chapada dos Veadeiros



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

Figura 12 – Espetáculo realizado com a participação das crianças



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

2.4 O encontro de arte-educadores

Em 2018, a Caravana Buriti realizou o seu 1º encontro de Arte-educadores com duração de quatro dias. Em formato itinerante, o encontro percorreu quatro cidades situadas no Distrito Federal: Brazlândia, Riacho Fundo I, Recanto da Emas e Samambaia. Contou com a participação de seis companhias: Cia Os Buriti (DF), Carroça de Mamulengos (RJ/PE), Cia Lumiato (DF), Parabolé Educação e Cultura (PR), Moitará (RJ), e Débora Dodd (DF). Além das companhias artísticas, também participaram do encontro 23 estudantes de licenciatura em Artes. Segundo

Figura 9 – Oficina para professores de corpo movimento ofertada por Eliana Carneiro



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

Figura 11 – Espetáculo teatral realizado na praça



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

Figura 13 - Eliana e Naira Carneiro durante apresentação teatral



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

Daniel Pitanga, a proposta do encontro surgiu a partir da necessidade de estender o diálogo sobre a arte educação com outros artistas, com o propósito de desenvolver uma união entre outros grupos que também estão pensando suas metodologias.

O encontro foi baseado em uma troca de experiências artísticas. Foram realizadas várias palestras e atividades práticas com os arte-educadores convidados que puderam compartilhar suas criações. Juntaram-se ao encontro estudantes das diferentes linguagens artísticas de Brasília e

Figura 14 – Momento de compartilhamento de apresentações artísticas durante o encontro de Arte-educadores



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

das escolas. Desenvolveu-se no seguinte formato: primeiramente acontecia uma palestra, voltada especialmente para os estudantes de licenciatura, mas aberta também aos docentes da escola, para que apresentassem seus trabalhos. Em seguida acontecia uma atividade prática, na qual os convidados iriam demonstrar com as crianças e adolescentes suas metodologias de ensino. O encontro era finalizado diariamente com uma roda de conversa aberta para reflexões e perguntas.

Conforme Daniel Pitanga, as pessoas que estão no fazer artístico possuem um conhecimento muito importante e que na maior parte das vezes, não é contemplado pelas universidades. Dessa forma, o encontro buscou compartilhar os saberes de artistas que estão realizando seus espetáculos e que também possuem trabalhos conectados à educação.

2.5 A importância do projeto

Pudemos analisar que, ao longo da sua trajetória, a *Caravana Buriti* realizou ações de grande relevância dentro do contexto da arte educação. Foram muitas as crianças que se inspiraram ao poder vivenciar processos de criação dentro da escola, além de receberem a oportunidade de presenciar espetáculos teatrais, que normalmente se encontram distantes do local onde vivem.

Os resultados alcançados pelo projeto são imensuráveis, ou seja, se encontram em um espaço de subjetividade e dificilmente poderão ser quantificados. Nesse sentido, a *Caravana Buriti* realiza revoluções individuais, levando o encantamento e a transformação pela arte para as crianças e educadores.

Portanto, a *Caravana Buriti* não realiza vivências pontuais, mas imersões profundas nas linguagens artísticas. Ela contribui para a construção dos processos de individuação da criança e trabalha elementos significativos no campo do desenvolvimento, como por exemplo, a comunicação, a linguagem, a estrutura de pensamento, os conhecimentos simbólicos, a relação com o corpo, com as emoções, com a psiqué e o imaginário. Além de contribuir com proposições artísticas mais dilatadas, oferecendo oficinas de formação que trabalham com as quatro linguagens artísticas.

Questionamos ainda Naira, Eliana e Daniel sobre algum episódio que os tenha marcado em suas jornadas na Caravana. Naira Carneiro respondeu que, em cada turma, acontecem momentos muito especiais e significativos, mas que queria compartilhar um momento que aconteceu em um espetáculo/oficina em que ela e Eliana começaram a contar histórias em conjunto com as crianças (nesta atividade cada criança pega um dos personagens e conta um pedacinho da história, esse personagem passa de mão em mão). Segundo Naira, uma menina pegou o personagem e contou sua parte da história, e a atividade seguiu. Depois desse momento, a professora da turma relatou às artistas, muito emocionada, que havia sido a primeira vez que ela havia escutado a voz daquela menina. Ou seja, passaram-se meses em que essa criança estava na escola, mas ainda não havia se sentido confortável para se expressar.

Daniel Pitanga também relatou que, nas oficinas de música, muitas crianças têm a oportunidade de tocar um instrumento pela primeira vez e demonstram um grande encantamento ao verem um instrumento sendo tocado ao

Figura 15 – Roda de conversa para a troca de saberes



Fonte: Arquivo da Cia Os Buriti.

vivo, sendo que muitas delas improvisam letras e melodias com grande facilidade. Ele acredita que a forma como as oficinas acontecem contribui para que elas se sintam à vontade para poderem criar.

Eliana Carneiro complementou dizendo que o projeto proporciona um “paraíso na terra”, um lugar de encantamento e de festa com a arte, onde constrói-se em conjunto um espaço de liberdade para a criança.

2.6 Desafios

Durante esse percurso, foram vários os desafios encontrados pelo grupo, e um deles está relacionado ao entendimento sobre o lugar da arte dentro da sociedade. Para o grupo, a arte educação é vista pela sociedade somente como um entretenimento. Segundo Eliana Carneiro,

Esse ainda é um processo muito longo de transformação social, cultural e política, essa visão que se tem do artista e da arte em geral, como uma pessoa que não tem valor, que não é um trabalhador sério, que não está dando aulas reais e importantes. A arte ainda ocupa um lugar de muito desdém social, e isso é algo nítido através das últimas ações governamentais.

Eliana complementa dizendo que é muito importante modificar o paradigma vigente, para que seja possível enxergar a seriedade de um trabalho de arte educação, que envolve linguagens específicas, que exigem muito estudo e pesquisa. “A arte é transbordante no sentido de transpassar todos os conhecimentos, ela é uma possibilidade muito ampla de conexões múltiplas, mas que a escola ainda não percebe isso, nem mesmo a universidade”. Segundo ela, existe uma valorização exacerbada das disciplinas exatas,

gerando em contraponto uma desvalorização, ou mesmo uma falta de conhecimento em relação à importância da arte para o desenvolvimento de fatores subjetivos. Dessa forma, a Caravana também busca realizar um processo de conscientização para as comunidades escolares.

Outro desafio está relacionado ao espaço escolar, que normalmente não consegue acolher fisicamente a totalidade da proposta. Então, muitas vezes são feitas adaptações em salas de aula muito pequenas, e em algumas situações, também acontecem questões relacionadas ao tempo escolar, que não é disponibilizado na duração necessária. Daniel Pitanga ressalta: “A nossa vontade é de realmente tentar fazer com que o espaço escolar se torne um espaço possível para a arte, sabendo que esse espaço não está instituído”.

Outro aspecto relatado pelo grupo foi que o baixo incentivo financeiro em projetos de cunho cultural/educacional também interfere diretamente na continuidade da execução da *Caravana Buriti*. A proposta acontece por meio de patrocínios governamentais, e que em sua maior parte, envolvem verbas muito pequenas, dificultando assim que a proposta tenha uma maior duração e edições contínuas.

Considerações finais

Paulo Freire (2021), em uma de suas falas no documentário *Paulo Freire 100 anos*, exibido pela TV Cultura, advoga em defesa da importância dos sonhos para a existência humana:

Eu acho que não é possível existir humanamente sem sonhos, sem utopias. Nós mulheres e homens viramos seres na história que não prescindem do amanhã, quer dizer, nós somos seres em busca sempre de um amanhã que por sua vez está ali à

espera da gente, mas que é o resultado do que a gente faça pela transformação do presente que a gente vive, com a iluminação do ontem que a gente viveu. Ora, se nós somos seres incapazes de abandonar a perspectiva de um amanhã que tem que ser feito por nós, como tirar da nossa experiência histórica o sonho. Eu te digo que não é possível viver sem sonho, enquanto projeto, enquanto programa, enquanto curiosidade, enquanto querer ser diferente. Esses discursos que falam na morte dos sonhos, das utopias, são os mesmos que dizem que a história se acabou, são os mesmos que dizem que as classes sociais sumiram. Basta sair de dentro desse estúdio e até dentro dele para ver que há classes sociais diferentes, os famintos desse país em que lugar ficariam, os trabalhadores deste país, eu não acredito nisso, acredito que nós continuamos com classes sociais, continuamos com luta de interesses ou interesses diferentes, e continuamos a precisar do sonho, eu não viveria sem sonho nem somente eu, individual, quanto mais enquanto minha prática social (Freire, 2021).

A arte educação no cenário brasileiro vem sendo negligenciada de muitas formas possíveis, mas ela se torna realidade graças às ações de artistas/educadores que acreditam no potencial transformador e emancipador da arte. Ao longo do tempo, como analisado no tópico 1, muitos arte-educadores têm demonstrado engajamento em busca de realizarem revoluções individuais e coletivas. A *Caravana Buriti* foi criada a partir da vontade de fazer com que as artes se tornem cada vez mais acessíveis. Por meio do projeto, crianças, educadores e moradores locais puderam ser tocados pelas múltiplas possibilidades de encantamento das artes. Assim, como nas palavras de Paulo Freire (2021), é necessário que possamos continuar a sonhar, trabalhando para que a educação se torne cada vez mais um lugar no qual as linguagens artísticas sejam verdadeiramente pertencentes em sua totalidade.

A abordagem da arte na escola, quando acontece de forma participativa, se materializa em projeto de arte que permite que todos os alunos estejam envolvidos e possam ser produtivos e criativos. A proposta da Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, contém três eixos norteadores: a Leitura, a Contextualização e o Fazer Artístico. Nas aulas de arte, ela ressalta a importância de o aluno compreender e fazer uma visualização da proposta artística. Na proposta da abordagem triangular, é enfatizada a atividade do último eixo, do fazer artístico que as crianças produzem em oficinas participativas em aulas e eventos na escola (Barbosa, 2019).

A participação ativa dos alunos na aula de arte é discutida por Fayga Ostrower (2014) que afirma que não se trata de dizer aos alunos de que estão livres para ser criativos: “Vocês estão livres, façam qualquer coisa, criem. Antes, deveria ser possível dizer: vocês estão livres, perguntem, indaguem, experimentem, poderão fazer tudo, uma vez que assumam a responsabilidade pelo que fizerem” (Ostrower, 2014, p. 34). Este comportamento dos alunos,

de se comprometer com o tema trabalhado na aula e a escolha do que querem fazer é um dos requisitos para uma boa aula de arte. Por isto é importante o modelo de arte educação por projeto, no qual todos participam e podem exercer sua criatividade (Ostrower, 2014).

É imprescindível que os educadores se tornem cada vez mais engajados politicamente, e que estejam despretos sobre a importância das artes para a educação, que estabeleçam ações contextualizadas, exigindo perante ao Estado políticas de investimento para ações direcionadas ao ensino das artes, conscientes que o processo de negação e opressão do valor da arte na sociedade é histórico e cultural, sendo urgente a necessidade de mudança de paradigmas, criando novas concepções, em que a arte seja reconhecida em sua potencialidade. Somente poderemos viver em uma sociedade com indivíduos não-fragmentados quando essa mudança se tornar cada vez mais efetiva.

Assim, por meio das investigações históricas e da pesquisa sobre a atuação da Caravana Buriti, foi possível perceber que existem padrões muito enraizados, que contribuem significativamente para que os mesmos desafios continuem se apresentando ao longo dos anos. Há uma ideologia que predomina sobre os sistemas educacionais, e que tenta transformar a educação em um maquinário, que prepara seres humanos para o mercado de trabalho, ocultando os aspectos subjetivos e singulares de cada estudante. Questiona-se: seria possível a redução de diagnósticos e “estudantes problemáticos”, caso a escola se tornasse um lugar que estimula e fomenta o ensino das artes?

O ensino meramente conteudista não oportuniza vivências necessárias para o desenvolvimento humano de forma integral. Não podemos focar somente nas mentes das crianças, abandonando o corpo e silenciando seus processos criativos. Para tanto é fundamental que as escolas estabeleçam parcerias com artistas que estão pensando sobre a arte educação, e que realizam pesquisas nesse sentido. O saber de quem vivencia a arte em seu cotidiano pode contribuir com o ensino das artes nas escolas. Esse diálogo cultural e educacional possibilita que as leituras de mundo sejam ampliadas, para além disso, as escolas também precisam frequentar o teatro, exposições, concertos, etc.

As artes concebem a capacidade de acolher as variadas formas de ser e estar no mundo, elas nos ensinam a respeitarmos a diversidade, gerando nos indivíduos criticidade e criatividade, elas nos mostram que não precisamos todos seguir as mesmas linhas de raciocínio e que a vida pode se manifestar além dos padrões pré-estabelecidos. Portanto, se faz necessário que a educação contribua para o desenvolvimento das capacidades criativas, e não elimine das crianças, futuros adultos, esse direito fundamental da expressão humana. ■

Referências

- ANDRADE, Isabella. **Cia Os Buriti completa 20 anos de arte e educação.** Grupo Caravana Buriti. Correio Braziliense. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/09/07/interna_diversao_arte,497475/cia-os-buriti-completa-20-anos-de-arte-e-educacao.shtml. Acesso em: 20 dez. 2023.
- ARAÚJO, Clarissa Martins; SILVA, Everson Melquiades Araújo de. Tendências e concepções do ensino de arte na educação brasileira. *In: 30ª Reunião Anual da Anped*, GE: Educação e Arte/nº 01, Caxambú, 2007.
- BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira. **O movimento de arte-educação e o ensino de arte no Brasil:** história e política. Maringá, [s.n.], 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da Arte:** memória e história. São Paulo: Perspectiva, São Paulo, 2019.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yvtmjR7MGvYKjPDGPgqBv6J>. Acesso em: 25 dez. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, 12 ago. 1971. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm. Acesso em: 24 dez. 2023.
- BRITTO, Jader de Medeiros (Org). **60 anos de Arte-educação, através da Escolinha de Arte do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora do livro, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Documentário da TV Cultura “Paulo Freire, 100 anos”,** 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tG_pVkhzr1c&t=1621s. Acesso em: 18 set. 2022.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Coordenação de Augusto Rodrigues. **Escolinha de Arte do Brasil**, Brasília, 1980.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. Educação musical e emancipação. *In: IV Encuentro Hacia Una Pedagogía Emancipatória en Nuestra América*, Buenos Aires, 2018.
- PERES, José Roberto Pereira. Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: o lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular. Colégio Pedro II, **Revista do Departamento de Desenho e Artes Visuais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 24-36, 2017.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Ensino/aprendizagem em arte e mediação: problemas e inovações. *In: QUEIROZ, João Paulo; OLIVEIRA, Ronaldo. Os riscos da arte: formação e mediação.* Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, 2018.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Novas territorialidades e identidades culturais: o ensino de arte e as tecnologias contemporâneas. *In: GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio da (Org.). Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.* Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 765-771. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/lucia_gou-vea_pimentel.pdf. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.
- TEIXEIRA, Anísio. **As escolinhas de arte de Augusto Rodrigues.** Arte e Educação. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, set. 1970.